

Determinação e Responsabilidade: a verdade em estrutura de ficção¹

Caroline Fabricio²
Nathalia Figueira³

*Estar ciente do seu não pertencimento é a ferrugem na navalha que ameaça a garganta. É um insulto desnecessário.
Maya Angelou, 1969.*

Freud e Lacan, desde cedo, depararam-se com a questão da verdade, questão firmemente colocada pela filosofia desde a sua origem. Com Lacan, aprendemos que a verdade tem estrutura ficcional, o que, num certo sentido, quer dizer que cada sujeito terá uma história que lhe é própria, um saber sobre si que não é universal, e, sim, singular. Por outro lado, sabemos que o sujeito é atravessado pela cultura e que, justamente por ser falante, algo do universal o atravessa, criando uma realidade que, de certa forma, é comum a todos. A partir disso, podemos pensar que brancos e negros são marcados igualmente pela cultura? O que desse “ser negro” pode e deve ser pensado diferentemente do “ser branco”?

Não se trata do ser no sentido apenas filosófico, mas do autorizar-se em sua própria pele.

¹ Texto apresentado no VIII Congresso Internacional de Convergência-Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, *QUAL ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?*, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023.

² Psicanalista Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro. Mestre em psicanálise, saúde e sociedade pela Universidade Veiga de Almeida.

³ Psicanalista Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro.

“O sujeito começa com o corte” (LACAN, 1966-1967, p. 17). Sua existência de fato não equivale à sua existência lógica. Esta se apresenta a partir da entrada do sujeito no mundo do discurso, onde significantes já podem ser manejados. Assim, uma realidade vai sendo tecida, e o sujeito que foi nomeado por alguém passa, também, a nomear o mundo ao seu redor. Os significantes que dizem daquele sujeito vão implementando uma certa lógica, já outros são partilhados, e, numa espécie de entrefios, vão adquirindo uma mesma significação.

A sociedade e a cultura desempenham um papel fundador no desenvolvimento da subjetividade. Essa interlocução entre a vida psíquica de um sujeito e a sua vivência no social vai sendo retroalimentada, marcando a subjetividade daquele tempo. É importante ressaltar que modelos sociais nos foram impostos e que há significantes ainda alienados corporificados ao discurso geral, criando desigualdades e abismos.

O racismo é um dos maiores problemas da história do mundo e, em diferentes níveis, quase todas as sociedades são atravessadas pela questão racial. No Brasil, a escravidão contribuiu para que essa questão tomasse proporções gigantescas, que causam, ainda hoje, o aniquilamento e a destruição do povo negro na história. Há séculos que essa situação se repete no cotidiano do brasileiro que, em sua maioria, é negro.

O racismo faz parte da nossa estrutura social, e a posição privilegiada ocupada pela pessoa branca é marcada pela violência de quem a pratica ou praticou ao longo da história. A população branca vem se beneficiando economicamente por toda história, ao passo que a negra é tratada como mercadoria. A branquitude é uma racialidade construída sócio-historicamente como uma ficção de superioridade. Traço marcado por privilégios e construído a partir da opressão de outro grupo.

O racismo é estrutura fundante das relações sociais no Brasil. É um sistema opressor que, além de negar direitos, muitas vezes tira do sujeito a possibilidade de o desejo operar a partir da falta. A segregação, o preconceito e o racismo criam efeitos danosos na vida psíquica do sujeito negro, muitas vezes irreversíveis, que, mais confrontado com a morte, vê-se diante de um outro que o extermina e assola. Encontramos muitos desses relatos na música de pessoas afro-brasileiras, que ali colocam suas dores de existir num mundo onde não há espaço para o seu povo.

Neuza Santos (1983) , psicanalista brasileira, dedicou um livro para falar sobre como ser negro, especialmente no Brasil. Segundo ela, trata-se de uma construção à parte. Em seu livro *Tornar-se negro*, fala sobre essa construção feita a partir do olhar negro, diz que o livro é um esforço de elaboração do ser negro, sendo negra. “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.” (SANTOS, 1983, p. 25).

Para Neusa Santos (1983), o negro tomou “como modelo de identificação” (Tornar-se negro, p. 26) o branco, como única possibilidade de “tomar-se gente” (Tornar-se negro, p. 26). Realidade que fixa pessoas de pele preta para não se apropriarem e se autorizarem de seus próprios corpos. Os que tomam para si a negritude, valorizando a cultura negra e tomando ciência de que foram e são vítimas de opressão, saem da cegueira colocada pelo social e passam a exercer um papel de questionamento da historicidade de seu povo, e, portanto, da sua, assim como podendo pôr à prova os que enxergam a realidade unicamente como branca.

Determinado e responsável pelo curso de sua vida, o negro terá a mesma chance de romper e deslocar o destino que lhe é posto historicamente? Que alguém se

responsabilize pela sustentação de uma retificação subjetiva é condição para que isso aconteça. A responsabilidade é sempre individual, mas não podemos deixar de incluir a importância da ação coletiva. Enxergar o mundo a partir do seu lugar social pode ser transformador do ponto de vista subjetivo. A brancura é uma problemática inventada pelos brancos, que, como seus criadores, devem responsabilizar-se por ela. A psicanálise, desde Freud, contribuiu de forma relevante para se pensar a complexidade do mundo e do homem, assim como as suas estranhas e aparentemente incompreensíveis manifestações de guerra. Apesar da grande contribuição psicanalítica para pensarmos o sujeito e seu tempo no que diz respeito à intolerância e ao racismo, vemos uma carência de materiais e pesquisas acerca da intolerância contra a população negra, especificamente. Franz Fanon (2021, p. 58), autor do livro *Pele negra, máscaras brancas*, aponta-nos que a psicanálise ainda não formulou um discurso crítico à altura da segregação enfrentada pelo povo negro no Brasil.

A questão racista ainda precisa ser enfrentada pelos psicanalistas brasileiros. Debruçar-se sobre a história do Brasil, assim como perceber as nuances e reformulações que ocorreram ao longo da história, é necessário para pensarmos em camadas ainda mais profundas e dolorosas da origem do povo brasileiro.

Sabemos que a palavra tem o poder de resgatar a memória de um povo cuja voz lhe foi arrancada. Desta forma, fica evidente que, se a história sobre a própria origem fica de fora, o sujeito não tem a chancela simbólica para atuar sobre seu discurso, ficando alienado e submetido ao imaginário que lhe foi dado.

A psicanálise deve agir contra o genocídio “moral, cultural e epistemológico” (DJAMILA, 2019, p. 30) do povo negro. Assim como se colocar contra o ódio, o preconceito e a opressão de grupos marginalizados racialmente, seja a partir do que

escuta de seus analisandos na clínica, seja do lugar de fala do movimento da psicanálise no mundo, a fim de ampliar o debate sobre a problemática da realidade na qual estamos inseridos.

Referências

ANGELOU, Maya. **Eu sei porque o pássaro canta na gaiola**. São Paulo: Editora, Astral Cultural. 1º Edição, 1969.

FANON, Frantz. **Peles negras máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura e outros escritos**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Autêntica, 1º Edição, 2020. E-book Kindle. Disponível em:

<https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Famz.onl%2FfO19GNM&data=05%7C01%7C%7C188079863714434eb4c108db349c457b%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaaaaaaaaa%7C1%7C0%7C638161618001140833%7CUnknown%7CTWfpbGZsb3d8eyJWljoiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzliLCJBTiI6Ikl1haWwiLCJXVCi6Mn0%3D%7C3000%7C%7C%7C&sdata=stNM72XT7LNzOgm1d5h9Oovrz5s9SN83f1s9PnAYfWE%3D&reserved=0>. Acesso em 03/03/2023.

LACAN, Jacques. **O Seminário XIV, A Lógica do fantasma**. Recife: Centro de Estudos, 1966-1967.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia da letras, 2019.

SANTOS, Neusa. **Tornar-se negro**. LeBooks, 1983. E-book Kindle. Disponível em:

<https://amz.onl/5GidgoD>; <https://amz.onl/6kWIRly>. Acesso em 03/03/2023.